

A PRESENÇA PORTUGUESA EM SÃO CARLOS (2010)

Divisão de Pesquisa e Divulgação
Fundação Pró-Memória de São Carlos

A PRESENÇA PORTUGUESA NO BRASIL



A presença portuguesa no Brasil tem uma longa história, são mais de quinhentos anos desde a chegada lusitana em Porto Seguro, na Bahia. Desde então, mesmo após a independência do país, esses contatos nunca cessaram, apenas se modificaram em número e motivações.

Com o desenvolvimento da economia cafeeira no século XIX, principalmente no Estado de São Paulo, uma grande onda imigratória trouxe para cá trabalhadores de diversos países. Entre esses imigrantes também vieram muitos portugueses, a maioria em busca de melhores condições de vida. Os lusitanos que vieram nesta época trabalharam tanto na faina dura da lavoura quanto em atividades urbanas, muitas das quais se criaram e se expandiram nesse momento histórico.

Tendo iniciado sua jornada no Brasil como colonizador, Portugal fez com que aspectos da sua cultura, sociedade e economia também fossem aspectos brasileiros. Assim, identificá-los nem sempre é tarefa fácil.

Para o período pós-independência, as dificuldades pouco se alteraram, uma vez que a língua, os nomes e sobrenomes, as redes de parentesco e amizade burlavam os canais oficiais de recepção de estrangeiros fazendo dos portugueses imigrantes “invisíveis”.

Porém, é inquestionável o papel dos portugueses na construção do Brasil, em sua configuração cultural e em sua composição social, em diferentes momentos de nossa história.

Eles estão por toda parte e nas mais variadas atividades, têm a sua presença firmada nos setores mais diferentes da economia, nas entidades e instituições que vão do futebol ao cultivo das letras, das artes e da religião.

Esta exposição trará um pouco da história e das memórias dos imigrantes portugueses que fizeram de São Carlos sua nova morada, em especial aqueles que aqui aportaram durante o século XX.

Estudos, imagens, fotografias e relatos compõem este trabalho e trazem uma nova visão do “povo da barca”.

A Imigração Portuguesa para o Brasil

A imigração portuguesa para o Brasil passou por diferentes fases, identificadas por seu volume de deslocamento e motivos de imigração:

Período Colonial (1500-1700)

A imigração nos dois primeiros séculos de domínio luso é marcada pela chegada de portugueses ligados à empresa colonial principalmente na região nordeste, onde a exploração da cana-de-açúcar se impôs como atividade rentável no período.

Imigração de Transição (1701-1850)

Este foi um período em que a imigração portuguesa teve fases com grande número de entradas e outras de estagnação. Dois acontecimentos concentraram o maior número de entradas: a vinda da Corte para o Brasil, em 1808, e a descoberta de ouro nos últimos anos do século XVIII.

Imigração em Massa (1851-1960)

A partir do final do século XIX a entrada de imigrantes portugueses teve um aumento significativo, predominando os de origem pobre. Empurrados pelo aumento excessivo da população portuguesa, a mecanização das atividades agrícolas e o empobrecimento dos pequenos proprietários rurais, a emigração levou portugueses para o Brasil, Estados Unidos e África. Estes imigrantes tinham como destino principal as plantações de café no Estado de São Paulo.

Imigração em Declínio (1961-1991)

A partir da década de 1930 foi sentido um declínio acentuado no número de imigrações para o Brasil, o que incluía o imigrante português. Na década de 1960 e 1970, novo fluxo imigrante português foi experimentado, impedido principalmente pelas expectativas do “milagre brasileiro” e pelos conflitos internos portugueses e as revoltas das colônias da África que marcaram o governo salazarista.



Atestado de Batismo de Candida, filha de Manoel Antonio de Mattos. Atestado assinado pelo cônego Joaquim Botelho da Fonseca, 1893. Acervo APH-FPMSC



Declaração de não parentesco e estado civil de Manoel da Rosa e Maria das Neves, ambos portugueses, 1891. Acervo APH-FPMSC



Passaporte de Imigração de Portugal a ser entregue na Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo. Manoel de Olliveiros Sá, 1886. Acervo APH-FPMSC



Reconhecimento de assinatura por parte do Consul Geral da República dos Estados Unidos do Brazil em Portugal-Lisboa, 1890, Acervo APH-FPMSC

Tabelas e Gráficos

POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS EM 1907	
Brasileiros	23.372 (60,48%)
Italianos	11.342 (29,35%)
Espanhóis	1.668 (4,31%)
Portugueses	1.634 (4,23%)
Alemães	209 (0,55%)
Turquia	113 (0,29%)
Diversos	304 (0,79%)
População Total	38.642 hab. (100%)

DRB - Gráfico de Turquia em São Carlos, está como espaço no documento original.

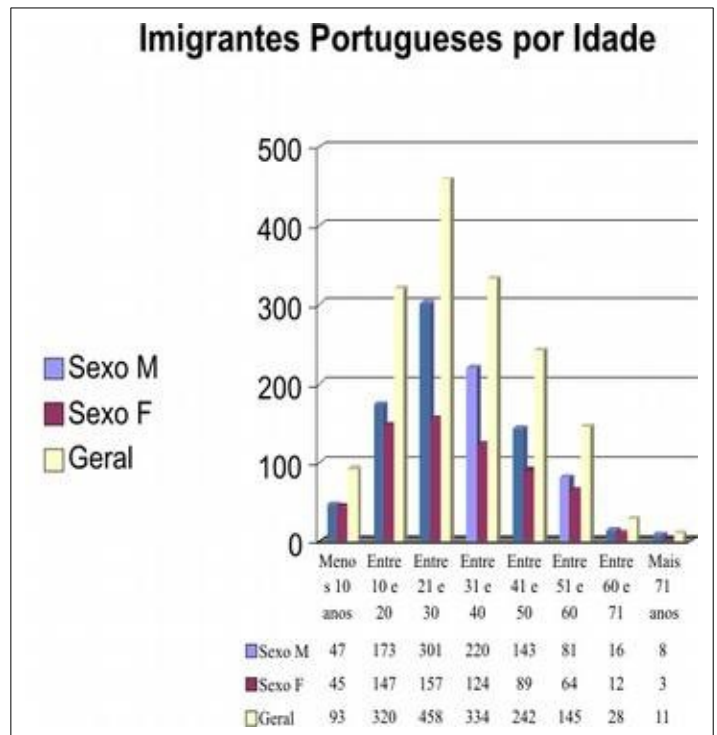
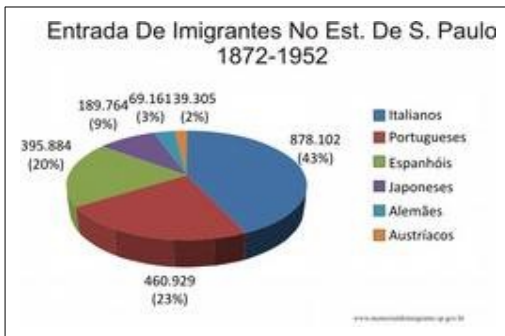
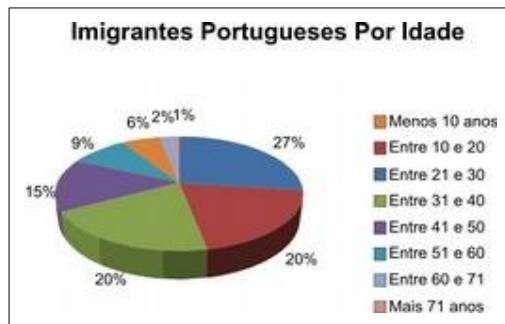
FONTE: Câmara Municipal de São Carlos, 1997. Acervo da Fundação Pró-Memória de São Carlos.

ESTIMATIVAS DE IMIGRAÇÃO PORTUGUESA NO BRASIL		
Período	América Portuguesa	Média anual América Portuguesa
1500-1580		
1581-1640	100.000	500
1641-1700		
1701-1760	600.000	10.000
1808-1817	24.000	2.668
1827-1829	2.004	668
1837-1841	629	125
1856-1857	18.108	8.054
1881-1900	316.204	15.810
1901-1930	754.147	25.138
1931-1950	148.699	7.434
1951-1960	235.635	23.563
1961-1967	54.767	7.823
1961-1991	4.605	406

Fonte: 100 anos de governo. Rio de Janeiro: BRJ, 2000.

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO EM SÃO CARLOS 1872 - 2000	
ANO	HABITANTES
1872	6.907 (1)
1877	9.364 (2)
1881	10.000 (3)
1890	12.651 (2)
1900	21.402 (2)
1907	38.642 (5)
1920	54.197 (2)
1926	52.826 (2)
1940	48.609 (4)
1950	47.731 (4)
1960	61.287 (4)
1970	86.385 (4)
1980	119.535 (4)
1991	158.219 (4)
1996	175.517 (4)
2000	192.923 (4)

Fonte: (1) Anuário Demográfico, SP, 1917. (2) IBGE, Brasil. Projeto Transição Demográfica do Estado de São Carlos, Departamento de Estatística. UFSCar. (3) CALDAS, Antonio Pereira. Descrição do Município de São Carlos de Paróia, 1881. Biblioteca Nacional de RJ. (4) IBGE. (5) Censo Demográfico de 1907. Câmara Municipal de São Carlos de Paróia.



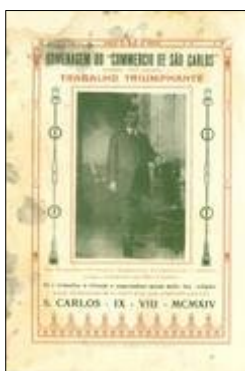
Os três gráficos são do Censo de 1907 em São Carlos.

PORTUGUESES EM SÃO CARLOS

Os portugueses chegaram a esta região nos primórdios de sua formação histórica. Aqui estiveram desde a tomada de posse de sesmarias que estabeleceram a propriedade privada da terra, até a chegada da frente cafeeira, em cujo processo deu-se o desenvolvimento da cidade de São Carlos. No final do século XIX e durante o século XX novos imigrantes portugueses chegam à cidade, neste momento em busca de trabalho e melhoria de vida, se inserindo na lavoura, no comércio e nos serviços.

Ainda hoje a presença portuguesa é sentida, em especial no setor industrial e nas universidades, cuja força trouxe muitos imigrantes, de diversas nações, para São Carlos, incluindo os lusitanos.

O Vice-Consulado de Portugal em São Carlos



A representação oficial portuguesa em São Carlos deu-se através de um vice-consulado que aqui funcionou desde 1915. Francisco Ferreira, proprietário da Serraria Santa Rosa, exerceu esse cargo até 1918, quando voltou para Portugal e o deixou com um substituto: Antonio Martins Santiago. Posteriormente esse mesmo cargo foi assumido por Oscar Ferreira, filho de Francisco, e sua esposa Carminda Ferreira. (Imagem: Homenagem do comércio local a Francisco Ferreira em 1914. Importante industrial de

origem portuguesa, foi o primeiro vice-cônsul de Portugal em São Carlos. Coleção C. Ferreira)

Esse órgão oficial assistia aos portugueses que aqui chegavam buscando trabalho, adaptação e as mais variadas informações. Onde eram orientados sobre a legislação portuguesa sobre emigração, sobre as condições de dispensa do serviço militar; alguns quando se viam em dificuldades em suas relações de trabalho recorriam à mediação do vice-cônsul que procurava amainar as tensões e conflitos acumulados em desentendimentos a respeito de contratos e realizações de tarefas, de convivências arrevesadas, etc.

O Vice-consulado de São Carlos mantinha correspondência constante com o Consulado português na cidade de São Paulo. Este o instruía sobre a condução e a legalidade dos relacionamentos entre esses órgãos oficiais e entre estes e os patrícios radicados em São Carlos e no Estado de São Paulo.



Identidade Consular de Oscar Ferreira, expedida pelo Governo do Estado em 1976. Coleção C. Ferreira.

A Família Botelho

Um exemplo da chegada de portugueses a região ainda no período colonial está na história da família Arruda Botelho, cujos ancestrais remontam a Portugal antigo e àqueles que chegaram ao Brasil no século XVII. Dos varões mais antigos, as biografias dos Botelho falam de, entre outros, Gonçalo Vaz Botelho, ligado à história da Ilha de São Miguel nos Açores, e também de Sebastião de Arruda Botelho, natural da Ribeira Grande, que veio ao Brasil em 1654. Estabelecidos em São Carlos no início do século XIX, os Botelhos foram fazendeiros e importantes políticos da região, em especial durante o período imperial brasileiro. (Imagem: Carta de Sesmaria, referentes às terras do Pinhal, pedida por Carlos Batholomeu de Arruda Botelho em 30 de dezembro de 1785. Arquivo do Estado)



Família Accácio



Imigrante português, Antonio Accácio, o major Accácio (1875-1945), como era conhecido, participou de vários investimentos na cidade, como a compra de uma fábrica de tecidos no Rio de Janeiro juntamente a Argeu Vinhas e Silvério Ignarra Sobrinho e sua transferência para São Carlos, em 1911, e a sociedade para a compra do Teatro São Carlos, do qual também foi gerente.

No ramo hoteleiro, a família Accácio iniciou suas atividades com o Hotel Adelaide, na Rua Conde do Pinhal, cujo nome foi modificado para Hotel Accácio. Algum tempo depois, compraram um prédio situado à Rua São Carlos (hoje Avenida São Carlos), esquina com a Rua Sete de Setembro que, após uma reforma, passou a abrigar o Hotel Accácio.

Em 1919, assumiu o comando do estabelecimento Olívio Accácio, irmão de Antônio, tendo sido procurador de toda a família. Sob a sua direção foi empreendida nova reforma no prédio. Sua clientela provinha da capital e de diversos pontos do Estado. Devido ao reconhecimento da excelente cozinha do hotel, em 1934, Olívio Accácio abriu o Restaurante “Gruta Azul”, na parte térrea do prédio.

Nos anos 1960, o hotel foi arrendado para outra rede hoteleira, sendo que o edifício continua em posse da família Accácio.

Dr. Ernesto Pereira Lopes (1905-1993)

Francisco Pereira Lopes, pai do Dr. Ernesto Pereira Lopes – renomado médico e industrial local e político ativo nas esferas nacionais – era português e foi um dos imigrantes que chegaram ao Brasil nas últimas décadas do século XIX. Francisco trabalhou em São Paulo, passou pelas dificuldades que muitos imigrantes sofreram no início de suas atividades no país, mas acabou abrindo na Capital sua própria loja, o que o levou a uma vida próspera e, na época, a certa visibilidade como comerciante.



Como muitos imigrantes, Francisco insistiu na educação de seus filhos, fazendo-os “doutores”. Ernesto Pereira Lopes veio para São Carlos na década de 1920 e atuou como médico. Após a Revolução Constitucionalista de 1932 aderiu à carreira política, retornando a São Paulo. Na década de 1940, Pereira Lopes volta a São Carlos como empresário, investindo na tradicional indústria de geladeiras e, mais tarde, na fabricação de tratores fundando a CBT. (Imagem: Ernesto Pereira Lopes discursando durante a visita da imagem de Nossa Senhora de Fátima a São Carlos em 1953. Coleção C. Ferreira.)

Romão de Campos

Romão de Campos, são-carlense, professor formado pela Escola Normal Secundária de São Carlos em 1915, e cronista do jornal são-carlense “A Folha”, era filho do português Romão de Campos, mais conhecido como Romão Pintor.

Romão pai pintava letreiros para lojas e casas comerciais e também trabalhou como bilheteiro e porteiro em casas de espetáculos como circos, teatros e cinemas. Mais tarde entrou para a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, e, embora sendo ferroviário, Romão Pintor faleceu em 1913, no Teatro São Carlos, onde também trabalhava.

Romão filho atuou como professor em Taquaritinga, Porto Ferreira e Ibaté. Casou-se com Zizinha com quem teve quatro filhos.



Cine Teatro São Carlos em 1930. Acervo APH-FPMSC

LÍNGUA E LITERATURA PORTUGUESA

“Última flor do Lácio, inculta e bela”
Olavo Bilac, Língua Portuguesa

A literatura portuguesa é nossa velha conhecida, pois dela derivamos e construímos, embebendo-a de nossa história, as letras brasileiras. Às letras lusas acrescentamos sotaques e sentidos negros e indígenas mudando seu sabor e seu rumo:

Essa negra Fulô!
(Jorge de Lima, do poema Essa Nega Fulô)

*

*No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente.
Era preto retinto e filho do medo da noite.*
(Mário de Andrade, *Macunaíma*)

*

- *Arra diabo!* – disse eu, de novo embasbacado.
– *E tudo isso já estava na Mitologia Negro-Tapuia, Clemente?*
- *Estava, estava! Aliás, está, ainda! É por isso que o “Gênio da Raça Brasileira”
será um homem do Povo, um descendente dos Negros e Tapuias, que,
baseado nas lutas e nos mitos do seu Povo, faça disso o grande assunto
nacional, tema da Obra da Raça!*
(Ariano Suassuna, *A Pedra do Reino*)

*

Ouçamos o eco dos nossos escritores rememorando os colegas portugueses. Eça de Queirós disse: Eu sou um pobre homem da Póvoa do Varzim.

Daí a Pedro Nava, que o citou em epígrafe, para atar o fio da memória em seu Baú de Ossos:

Eu sou um pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais.

Ou A Máquina do Mundo, dos Lusíadas de Camões, profundamente repensada por Drummond:

*a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.*

Ou ainda, na bela homenagem de Manuel Bandeira ao lirismo camoniano:

*Quando n'alma pesar de tua raça
A névoa da apagada e vil tristeza,
Busque ela sempre a glória que não passa,
Em teu poema de heroísmo e de beleza.*
(Do soneto a Camões)

Assim, faz parte da nossa literatura o diálogo constante com a tradição portuguesa. Não nos esquecemos de onde viemos, nem dos grandes escritores lusitanos, não podemos deixar de lembrar sempre o poeta Fernando Pessoa:

*E a sombra duma nau mais antiga que o porto que passa
Entre o meu sonho do porto e o meu ver esta paisagem
E chega ao pé de mim, e entra por mim dentro,
E passa para o outro lado da minha alma...*
(Do poema Chuva Oblíqua)

Repensar a tradição, repensá-la segundo os problemas que nos coloca a história contemporânea. Como no cinema, em encontro recente entre Fernando Meirelles e José Saramago, de onde saiu o filme “Blindness”, baseado no livro “Ensaio sobre a Cegueira”.

Renovar a língua portuguesa e construir o nosso próprio caminho, o que tem feito fortemente a literatura brasileira.

Abreviando, portanto, tudo isso fica dito e terminado pelo cuiabano Manuel de Barros:

*A única língua que estudei com força foi a portuguesa.
Estudei-a com força para errá-la ao dente.
A língua dos índios Guatós é múrmura: é como se ao
Dentro de suas palavras corresse um rio entre pedras.*
(Do poema Línguas)

Ambrósio dos Santos, o poeta luso-saocarlense (1881-1957)



Foi poeta e músico, nasceu em Portugal, mas quando sua família chegou a São Carlos ele era ainda uma criança. Fez o curso primário numa escola que ficava no Largo Santa Cruz, hoje praça Elias Salles. Escreveu poemas sobre o cotidiano da cidade que publicava principalmente no jornal “A Cidade”. Casou-se com Regina Lorenzato dos Santos em 1905, com quem teve quatro filhos: Armandinha, Antonietta, José e Armando. “Versos de um São Carlense”, uma coletânea de seus poemas, foi publicada em 1955 sob o patrocínio da Prefeitura Municipal de São Carlos.

*Um dia, em Portugal, em velha aldeia,
(Sessenta e vários anos são passados!)
Nasceu este conjunto de pecados
Que o próximo ama e o inferno não receia*

*Lá por 83, meus pais, cansados
De trabalhar por uma tuta e meia,
Embarcaram para cá, deliberados
A encontrar da fortuna a áurea veia*

*E, desde então, neste país honrado,
Paraíso da terra, iluminado
Por fulgurante sol em céu de anil.*

*Vivo feliz, alegre e satisfeito,
Sentindo u grande amor dentro do peito
Pelas cores sagradas do Brasil.
(Autobiografia, "A Cidade", 12/08/1946)*

A CULINÁRIA BRASILEIRA E A CULINÁRIA PORTUGUESA

Além das consequências econômicas da presença portuguesa no Brasil, contributos mais imediatos e óbvios, sociais e culturais se impuseram. Um exemplo é a culinária, onde a mistura de comidas brasileira e portuguesa deu origem a novos pratos e enriqueceu o repertório gastronômico das duas nações:



A gente nunca deixou de cozinhar bacalhau ou outro peixe qualquer, com batatas. Mas também adquirimos hábitos bem brasileiros. Se no começo parecia estranho comer arroz e feijão e banana, hoje todos adoram.

Mas me causava estranheza a maneira como se comia em São Paulo. Todo dia tinha arroz, feijão, salada e uma mistura. Acho interessante lembrar que, quando chegamos ao Brasil, não existia o hábito de comer certos pratos como os miúdos, dobradinha, rim, coração, que aqui eram desperdiçados. Mas hoje é comum. São contribuições importantes do europeu à culinária brasileira.

Belluzzo, Rosa & Heck, Marina. Cozinha dos imigrantes: memória e receitas. SP: Companhia Melhoramentos, 1998.

Além dos miúdos, as hortaliças, as frutas, as especiarias, onde muitas espécies foram trazidas do Oriente, da Ásia e da África, tudo isso historicamente amalgamado e naturalizado pelos portugueses e pelos brasileiros e atuando intensamente em suas culinárias.

O açúcar e a doçaria portuguesa têm um capítulo especial na história da alimentação no Brasil, principalmente pelo uso profuso de ovos no preparo dos quitutes.



MEMÓRIAS PORTUGUESAS EM SÃO CARLOS

Antonio Alves – De Marmeleiros, Beira Alta, a São Carlos.

1. De Marmeleiro para o Brasil



Antonio Alves nasceu em Portugal a 05 de março de 1941 e lá permaneceu até o início dos anos 1960, quando emigrou para o Brasil. Foi criado em uma pequena aldeia de Marmeleiro, na Província de Beira Alta.

A lavoura e a criação de ovelhas foram, ao longo da sua infância, as atividades básicas para o sustento da sua família. Os seus pais, pequenos proprietários, viveram sempre como aldeões e assim criavam seus filhos até que estes começaram a sair para outras cidades e países a tentarem novos rumos na vida.

Antonio buscou uma cidade com mais recursos e novas possibilidades. Começaram, então, aos doze anos, os seus estudos na escola de comércio, o Ateneu Comercial de Lisboa, aonde chegou através de seu trabalho inicial na Cooperativa Militar, uma instituição de oficiais militares, local onde atuou como ascensorista.

Era a época do salazarismo, uma ditadura que só caiu em 1974 com a Revolução dos Cravos.

“Sim, porque eu era antissalazarista, apesar de trabalhar com eles. Todo dia eu via o Salazar. Mas eu era antissalazarista por causa do atrasamento do país.”



Então, através de uma pessoa morando aqui no Brasil, obtive uma Carta Chamada, um documento que o autorizava a entrar no país, e assim se aventurou para cá. Chegou sem dinheiro. A pessoa que o esperaria no porto de Santos, não apareceu.

Antonio veio de carona em um caminhão até a cidade de São Paulo, de madrugada desceu no Parque Ibirapuera para iniciar a sua jornada brasileira.

Teve a felicidade de encontrar um senhor a quem contou a sua situação e que resolveu ajudá-lo. Levou-o para sua casa e lhe deu um emprego em um escritório que possuía. Como se vê, chegou mal, mas se arranjou logo em seguida.

“A primeira pessoa que me acolheu foi um negro, me deu emprego, fiquei quinze dias na casa dele, que eu encontrei ele fazendo cooper lá no Ibirapuera. Fui falar com ele às 6h da manhã, aquilo tudo escuro. Expliquei para ele, ele me levou para casa, me deu comida, me deu um quartinho para dormir, chamava Zenon, tinha uma firma de lubrificantes, um escritório na rua Brigadeiro Luiz Antonio. Daí eu fui trabalhar no escritório dele.”

Mais tarde, resolveu tentar outra atividade para ver se melhorava de vida. Comprou uma banca na feira e foi tocando. Conheceu uma moça que morava próximo a sua casa, casou-se e teve três filhos com ela. Depois, chegou a ter uma casa lotérica. Viveram doze anos juntos até que resolveram pela separação. Vendeu o que tinha, dividiu com a ex-esposa, mas ficou com os três filhos. Voltou para Portugal para educá-los lá.

Ficou na aldeia um ano e resolveu retornar com os filhos ao Brasil. Foi taxista, comprou um taxi logo que voltou ao país, teve o carro roubado, ficou sem nada outra vez. Mas não esmoreceu. Voltou à luta. Logo se casou pela segunda vez, com uma mulher que trabalhara em sua lotérica e era amiga sua e de sua ex-esposa com quem mantém amizade até hoje.

2. A vinda para São Carlos

O namorado da sua filha era de São Carlos e trabalhava em São Paulo. Ao receber uma proposta da empresa Volkswagen para trabalhar em sua cidade, ele aceitou sem relutar. Ela ficou num impasse, e disse ao pai que só viria se ele também viesse. Vieram. Mais tarde, ela desfez o noivado e foi-se daqui. Os pais ficaram. Coisas da vida.

Aqui Antonio montou um bazar, que não deu muito certo, e mais tarde comprou uma banca de jornal e a mantém até hoje. E vai vivendo.

Com o seu carro vermelho, está sempre acima e abaixo, levando revistas e jornais para a sua banca, e cumprindo as atividades de seu dia-a-dia.

3. As visitas a Portugal

Voltou a Portugal várias vezes a passeio, ama a sua terra e gosta do Brasil. Muitos parentes estão lá, ou em países vizinhos, irmãos, primos, cunhados gostam de se rever e matar as saudades.

Antonio está sempre na sua banca na Praça Santa Cruz, reveza com a sua esposa uma parte do dia, é um homem alegre, gosta de uma boa prosa, é crítico quando discorda de alguma coisa, muito sério no que faz, e vai vivendo.

Armenio Gaspar – De Casal das Figueiras para São Carlos

1. A vila de Casal das Figueiras



Armenio Gaspar nasceu na vila portuguesa de Casal das Figueiras, distrito de Coimbra, a 5 de janeiro de 1925. Trabalhou na lavoura como assalariado, plantando e colhendo verduras, tanto na vila como em Lisboa, cidade onde permanecia como horticultor de seis meses até um ano sem retornar à sua casa.

“Na agricultura, eu trabalhava, lá chamam “quinta”, só em negócio de plantar verdura e colher. Mas por conta do patrão, eu saía de minha terra, de Coimbra, e ia para Lisboa, a gente ia trabalhar mais. E lá eu trabalhava nas hortas. Às vezes seis meses, às vezes um ano sem voltar em casa. Ficava lá trabalhando de segunda a segunda sem nunca parar. E como trabalhava sábado e domingo ganhava direto, o mês todo.”

Dos dezesseis aos vinte e oito anos de idade, trabalhou em Lisboa. Casou-se com a idade de vinte e quatro anos. Já tinha uma filha, Maria Fernanda, quando, através de um amigo, José Matado, resolveu vir para São Carlos. Matado havia já alguns anos que vivia entre os são-carlenses, tinha deixado em Portugal um armazém aos cuidados de Armenio, e acabou o aconselhando a vir para o Brasil. Oscar Ferreira, o cônsul português em São Carlos, assinou a sua “carta de chamada”, legalizando a sua vinda.



2. A vida em São Carlos

Armenio, logo que aqui chegou, em 1958, trabalhou nas Indústrias Pereira Lopes, mas por pouco tempo, pois em seguida começou a trabalhar com a venda de roupas, a “mascatear”, como ele mesmo diz. Sua esposa, boa vendedora, o aconselhou a segui-la naquilo que estava rendendo mais. O que é isso de trabalhar muito e ganhar pouco! Ele acatou a recomendação e a reprimenda, e compôs parte da sua vida nessa atividade.

“Eu ia comprar roupa em São Paulo, e depois ia batendo nas portas por aí nessas vilas e vendendo. Ganhava bem naquele tempo.”

Já se casou três vezes e hoje está viúvo. Teve três filhos, a Maria Fernanda e a Elisabeth do primeiro casamento, e Gaspar com a segunda esposa. Como se deduz, os dois últimos são brasileiros.

Comprou terrenos, construiu casas. Tudo ia muito bem, mas a esposa adoeceu seriamente. A situação ficou difícil, gastos com a doença, e ela acabou falecendo.

Dois anos depois, se casou novamente, com uma moça de São Carlos, mas, dezoito anos depois, outra doença levou-lhe a segunda esposa.

“Mas, para falar a verdade, eu gostei bem de vir para o Brasil. A vida aqui só me correu mal de morrer a mulher, mas de resto eu não tenho nada a falar. Eu gostei de ficar aqui.”

Antes da morte da segunda esposa, o senhor Armenio deixara a venda de roupa e passou para o comércio de bebidas, comprou um bar na Vila Prado. Anos depois, passou para o comércio de cereais, onde ficou mais alguns anos, e, em seguida, se aposentou.

3. As visitas a Portugal

Armenio tem um irmão em Portugal e já o visitou várias vezes. Em julho de 2009, voltou para lá mais uma vez. Tem ido a sua terra com certa frequência, junto com filhos e parentes tem matado as saudades e saboreado as iguarias portuguesas. Maria Fernanda conta com satisfação a viagem que fez com o pai há alguns anos, passearam bastante, foram a várias regiões do país e gostou muito do que viu e desfrutou ao lado dele. E fala da nova viagem do pai:

“Ele falou que é um plano de saúde. Porque ele volta dez anos mais novo cada vez que vai para lá. Lá é muito bom.”

Foi nessas viagens que ele veio a conhecer mais a sua própria terra, onde rodaram uma semana inteira:

“Porque, para falar a verdade, quando eu vim para cá eu não conhecia Portugal. Conhecia bem Lisboa, e lá a minha terra em Coimbra. Só quando fui lá com ela.”

O que a sua filha confirma:

“A gente foi conhecer. Fomos até a França. Conhecemos Portugal de ponta a ponta, e digamos: Portugal é bem pequeno. E uma parte da família foi com a gente, eles não conheciam Fátima! Eles só vivem para o trabalho. Não pensavam em conhecer. De cidade em cidade fomos parando. Aí é que eu fui conhecer Portugal, não conhecia quase nada.”

4. As Festas na Região de Casal das Figueiras

As festas portuguesas de cunho religioso são freqüentes e muito concorridas. As aldeias e vilas têm os seus santos padroeiros e os comemoram com devoção e alegria. O calendário religioso movimentava e relacionava essas pequenas localidades, como explica o senhor Armênio:

“Tem uma porção de igrejinhas por lá em volta e cada uma tem o seu santo. De junho para frente é festa quase todo dia.”

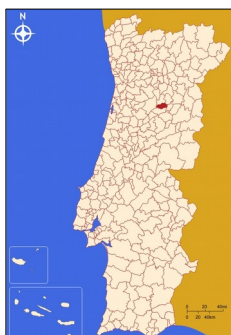
As famílias ao se deslocarem para esses encontros festivos levam as suas comidas e bebidas e fazem verdadeiros piqueniques.

Maria Fernanda, lembrando momentos de sua viagem, liga acontecimentos atuais com a sua própria infância, misturando admiração e confirmação.

“Aqui se você vai para outra cidade normalmente vai comer num restaurante, eles levam comida e você para num lugar e faz um tipo de piquenique. Imagina se você vai parar para comer em algum restaurante! Comida mesmo! Panelas! Muito vinho! Isso eu também estranhei. É direto. No almoço, no jantar, vinho. Não tem essa de refrigerante. Homens, mulheres. As crianças... eu comecei a tomar vinho bem cedo! Cada regiãozinha produz o seu vinho.”

Manuel de Almeida – De Sezures, Beira Alta, a São Carlos

1. Uma aldeia portuguesa



Quando Manuel de Almeida nasceu, seus pais eram agricultores e criadores de animais em uma pequena aldeia portuguesa de Sezures, Beira Alta. Logo que cresceu um pouco, o menino já os ajudava na faina diária nas plantações e nas andanças dos animais. Eles colhiam as uvas para fazer o vinho, bebida cotidiana na dieta dos aldeãos.

“Essa casa era um sobradinho, a parte de baixo era um pouco mais alta e, em cima, moravam as pessoas. Eu me lembro quando menino, quando tinha neve nada podia sair de casa, mesmo a criação que você cuidava. Então, ficava tudo em baixo e as pessoas em cima. E nesse meio tempo, você armazenava a alimentação para os animais, o feno, aqueles pacotes de ervas que você guardava e depois ia distribuindo naquele tempo de neve. Então, eram casas assim: em cima, as pessoas, e, em baixo, a criação. No nosso caso, eram mais cabras e ovelhas. Você colhia o leite das ovelhas, tinha leite todo dia.”

2. A vinda para o Brasil

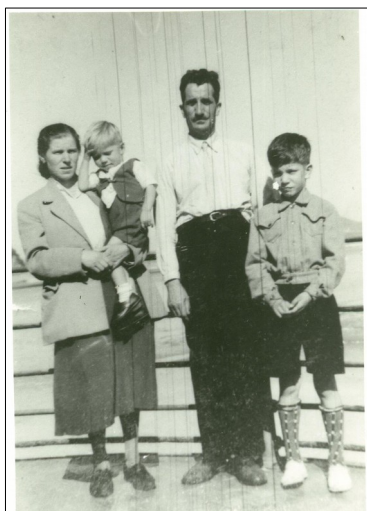
As agruras do pós-guerra, o atraso regional, levaram a família Diogo a emigrar para o Brasil, a tentar uma vida nova. Chegaram em 1950, foram morar em São Caetano onde Manoel terminou o curso primário. Ajudava os pais quando moraram na chácara de um tio que os trouxera para aqui ao auxiliá-los com a documentação de entrada no país, a Carta Chamada, isto é, uma pessoa que se encontrava aqui e se responsabilizava por aqueles que vinham para cá.

3. O trabalho como radialista

Aos quinze anos trabalhou em uma fábrica de louças, depois na *General Motors*, casou-se com vinte e dois anos. Mas como tinha certa inclinação para o rádio, procurou trabalho numa emissora local.

“O começo foi na Rádio Cacique de São Caetano. E nós trabalhávamos ali com muita deficiência, não havia equipamento, era algo sério. E nem discos às vezes nós tínhamos para tocar. Disco de vinil, aquele 78 rotações.”

4. A vinda para São Carlos



A família de Manoel de Almeida no convés do navio em que chegaram ao Brasil. Ele é o garoto que está em pé, ao lado do pai Joaquim de Almeida. Coleção M. Almeida..

São Carlos entrou na vida de Manoel casualmente. Ele e a família vieram visitar uma tia que morava na cidade. Gostaram do que viram e decidiram mudar.

“Nesse meio tempo, visitei uma rádio, a rádio São Carlos, e conversando com o Gisto Rossi eu falei da minha situação, que tinha trabalhado em São Paulo, que trabalhei dez anos na rádio das Emissoras Associadas, que trabalhei dois anos na Rádio América, na Jovem Pan. Essa Jovem Pan que nós temos aqui, na realidade transmite a Jovem Pan, tem dois grandes locutores ali que foram meus amigos Franco Neto e Ciro César, eram dois meninos que eu fazia a técnica deles e eles faziam as suas apresentações.”

Então ele começou a tocar o “Você faz o programa” na Rádio São Carlos.

“As pessoas mandavam para nós cartinhas, telefone era pouco, e pediam uma seleçãozinha musical e você ia encaixando todo dia aquelas músicas. Esse era o programa. Uma noticiuzinha no meio das músicas e ia tocando o programa assim. Enquanto isso, o meu amigo Gobato, do outro lado, com as notícias dele sobre a polícia. Ele conseguia arrebanhar um mundo de gente. Mas eu tinha o meu público, era menor que o dele, mas eu tinha o meu público.”

Manuel voltou aos estudos e fez Direito na Fadisc, formou-se advogado e passou a atuar na área, o que faz até hoje. Embora aposentado, ajuda a filha na banca que ela tem na rodoviária e vai levando a vida. Na sua casa, tem lá o seu arquivo de gravações, os seus discos e filmes que gosta de ver e ouvir mantendo o seu gosto pela música e pela voz narradora tão peculiar no rádio.

Bartolomeu de Oliveira – De Castro Daire, Beira Alta, a São Carlos

1. Política e emigração



Bartolomeu Oliveira veio para o Brasil depois da Segunda Guerra Mundial. A Europa enfrentava as agruras do pós-guerra, onde a destruição, a inflação e o desemprego tinham deixado muita gente sem qualquer esperança de alguma melhora imediata. Além de sua parcela de desesperança como país europeu recém-emerso de uma conflagração duríssima, Portugal também sofria as imposições e o atraso decorrentes da ditadura que se instalara no país desde 1926 com o Estado Novo até a ascensão de António de Oliveira Salazar e a implantação do regime salazarista.

A família Oliveira vivenciou as perseguições desse regime autoritário que não tolerava crítica de opositores e, por isso, emigrou para o Brasil. Bartolomeu conta que seus tios foram vítimas da supressão da liberdade de imprensa no país.

“Eles tinham uma tipografia em Portugal, a qual imprimia um jornal quinzenal, e nesse jornal, naquela época a política era muito séria, era a época do Salazar, ditador, o meu tio era contra e às vezes alguma coisa que ele escrevia no jornal... Ele foi preso duas vezes, isso em 1950, 1951. Ele ficou triste, acabou com o jornal, e veio para o Brasil. Em seguida, a esposa e uma filha vieram para São Paulo, e como eu estava na iminência de sair do emprego, eu quis vir com eles para o Brasil.”



Bartolomeu de Oliveira e família. Em Lisboa, momentos antes do embarque para o Brasil, 1953. Coleção B. Oliveira.

2. O trabalho no Brasil

No Brasil, Bartolomeu começou a trabalhar no comércio como vendedor de uma multinacional, a Unilever. Vendia produtos de limpeza e higiene como o sabonete Lever, e participou do lançamento do sabão em pó Omo no interior do Estado. Conheceu a sua esposa em Barretos, onde morava e de onde saía para percorrer várias cidades da região colocando os produtos da sua firma. Fez amizades e se afeiçoou à vida interiorana.

Devido às circunstâncias da legislação trabalhista da época, anos 1960, o empregado que ficasse mais de dez anos em uma empresa teria de ser efetivado. As firmas se antecipavam a isso despedindo o antigo funcionário e contratando outro para o seu lugar. Foi o que aconteceu com o senhor Bartolomeu na Unilever, ele recebeu uma boa indenização e resolveu ser o seu próprio patrão. Comprou o Hotel Accacio e iniciou-se no ramo da hotelaria. Saiu-se bem e multiplicou o seu patrimônio, fez sociedades, comprou outros hotéis, construiu outros como o Indaiá Hotel onde está hoje.

3. As visitas a Portugal

Nunca deixou de voltar a Portugal, à sua vila Castro Daire, a primeira vez foi em 1969 e hoje o conhece de norte a sul. É mais um português que atesta a mudança profunda de sua “terra” após a Revolução dos Cravos. O

velho atraso do país vai desaparecendo e já não é, felizmente, um lugar que expulsava os seus filhos para outros países da Europa e da América.

4. A raiz são-carlense

Agora tem voltado para lá regularmente mais para passear. Abasileirou-se de vez, sua esposa é brasileira, tem quatro filhos e agora está se aposentando e passado aos poucos os negócios para eles. Ainda vai diariamente aos seus dois hotéis em São Carlos, agora em horários mais folgados. Tem outros negócios em outras cidades às quais também visita com certa regularidade. Mas quer mesmo é ficar em São Carlos, cidade à qual se ligou afetivamente e diz o mesmo de sua esposa Leontina.

“Eu não voltaria mais a morar, gosto de ficar lá um mês ou dois, mas depois voltar a São Carlos. Eu digo, às vezes até brinco: “São Carlos para mim é a capital do mundo.” Onde eu volto e gosto, eu e a minha esposa, os dois. Eu tenho uma adoração por São Carlos, foi onde eu comecei, onde eu casei e vim morar, me dei bem, fiz um pouquinho de sucesso. Tanto que a minha raiz: casa onde eu moro, patrimônio, é tudo em São Carlos.”

E, como se vê, afeiçoaram-se a São Carlos e a ela se integraram totalmente.

O Casal Oscar e Carminda Ferreira – De Coimbra para São Carlos

1. A chegada



Com três filhos pequenos e o quarto prestes a nascer, o casal Oscar e Carminda Ferreira chegou a São Carlos em 1948, depois de uma viagem de dois dias com pontos em Dacar, Natal, Rio de Janeiro e São Paulo. Trinta e três dias depois, na Rua Riachuelo, nascia o seu primeiro filho brasileiro: José Maria. Muitos outros vieram depois, afinal foi um casal pródigo: onze filhos.

2. A Serraria Santa Rosa e o Vice-Consulado

Francisco Ferreira, o pai de Oscar, fundara na cidade, em 1911, a Serraria Santa Rosa. Estabelecimento conhecido pela população são-carlense que o frequentou ao longo de muitos anos. O filho vinha agora assumir o lugar do pai na direção da empresa.

Superados alguns problemas iniciais de adaptação, quando algumas famílias são-carlenses foram solidárias à nova família portuguesa que se incorporava à cidade – são lembradas por Carminda, com gratidão, as famílias Santini e Fazari –, o senhor Oscar Ferreira deu andamento às atividades da Santa Rosa. E também veio a assumir o cargo de Vice-Cônsul de Portugal em São Carlos, que também fora inicialmente ocupado por seu pai em 1915. Pela documentação dessa instituição, pode-se perceber que havia no município uma significativa presença de portugueses que por aqui circulavam e residiam. Faziam eles contatos com o Vice-Consulado para se informarem a respeito da legislação portuguesa de emigração, das condições de dispensa militar, da tramitação de passaportes, também recorriam a essa autoridade para a mediação de conflitos com os empregadores locais, orientação sobre contratos, etc.



Francisco e Rosa de Jesus Ferreira. A Senhora que está entre os pais dos noivos era Raimunda, a dona do hotel, uma brasileira. Penacova, Portugal, 1942. Coleção C. Ferreira.

3. A vida em São Carlos

Carminda entrosou-se rapidamente à vida local e passou a ter atuação social junto à Igreja Católica, principalmente na igreja São Benedito. Como devota de Nossa Senhora de Fátima, cujas festividades ocorrem no dia 13 de maio em Portugal, dia que coincide com o da nossa Abolição, ligou-se a essa igreja. Na época era uma capela, que ela viu ser rodeada pela igreja atual que foi erguida enquanto no seu interior aquela ainda funcionava.

A sua atuação como professora começou no Colégio São Carlos, onde lecionou português, francês e latim, e aí também fundou a primeira Associação de Pais e Mestres do interior. Desde então, tornou-se uma professora conhecida e estimada pelos são-carlenses.

4. Uma mulher guerreira

A dona Carminda, como é conhecida até hoje, sempre foi uma mulher ativa. Como se diz hoje: uma mulher guerreira. Fez graduação e doutorou-se em Letras pela Faculdade de Coimbra, onde enfrentou a resistência de colegas

e professores que não viam com bons olhos, naquela época, uma mulher cursando uma faculdade.

“Eu era uma estudante, uma mulher que meu pai se tinha atrevido a deixar ir estudar. Há setenta anos na Universidade de Coimbra. Então, até era mal vista, “Vê lá uma mulher no meio de tantos homens.”

“Um professor famoso Dr. Costa Pimpão, ele era todo ligado para a família, mulher era para lavar fraudas, mas ele me massacrava, desafiando-me. Em contrapartida, tinha outro, vindo da França, Dr. Paiva Boléu, são nomes famosos que eu estou dando a vocês da Universidade de Coimbra, que me admirava, eu ainda como aluna ele me deu uma colaboração para eu fazer na revista dos professores, que tem um artigo lá que eu fiz tradução e tudo. Quer dizer, havia os partidos.”

Em São Carlos, fez biblioteconomia, curso em que se aperfeiçoou em nível de pós-graduação na PUC-SP. E fez mais: educação na Universidade Federal de São Carlos, administração na Getúlio Vargas. Como se vê, possui inúmeros títulos que mostram a sua disposição voltada para a educação e para a cultura.

Eduardo Morgado Belo – De Malpica do Tejo, Castelo Branco, para São Carlos

1. A Revolução dos Cravos e a emigração



A situação política de Portugal nos anos 1970, com a Revolução dos Cravos e os problemas das colônias portuguesas na África, mais a situação familiar e pessoal do professor Eduardo Morgado Belo, compuseram as forças que o impeliram a emigrar para o Brasil. Era um jovem que, devido a coincidências favoráveis, através de um convênio chegou a São Carlos, em 1975, para estudar. Lá fizera o Liceu e aqui ingressou em curso superior. Formou-se engenheiro mecânico em 1979 na Escola de Engenharia da USP, onde hoje é professor.

2. A tradição portuguesa

Vindo de uma região rural produtora de azeite, de trigo, de ovelhas e derivados, nasceu em Malpica do Tejo, distrito de Castelo Branco, região centro-este, próxima da fronteira com a Espanha. É filho de pai professor primário e de mãe do lar.

Embora há 35 anos no Brasil, volta regularmente ao seu país para visitar a família, rever os amigos e voltar a respirar o ar português.

“Qualquer imigrante que está fora do seu país acaba sentindo uma certa necessidade de lembrar coisas, lembrar da sua vida, sabe, lembrar daquilo que se passou, porque da vida, do dia a dia, não é aquilo que você era quando era moleque lá, então... A possibilidade de comer uma broa, uma broa de milho, sabe, a possibilidade de comer um chouriço, que aqui se chama lingüiça defumada, né, diferente. São umas coisinhas assim que fazem bem, fazem bem...”

Casou-se com uma brasileira, tem uma filha, o que o ligou ao Brasil mais profundamente, e que o leva, em certos momentos, a balançar entre o país de origem e aquele que o acolheu: ficar aqui ou retornar ao velho Portugal.



Heloisa Helena e Eduardo Belo com a filha do casal, Coleção E. Belo

“Quer dizer, veja bem, hoje volto pra Portugal, eu não volto... eu não sinto... lá estão minhas raízes, tá, mas eu sinto que lá não é minha vida, entendeu? Então... Isso que eu digo, minha volta a Portugal um dia será que seria possível? Não sei, eu acho meio complicado.”

O tempo dirá. Devemos viver em lugares onde nos sentimos bem. Mesmo que se tenha de transitar um pouco, já que as raízes se multiplicam.

Fernando Alfredo Teixeira de Vasconcelos – De Chaves, cidade transmontana, para São Carlos

1. A vinda para o Brasil



Fernando Vasconcelos, nascido em Chaves, mas, na infância, viveu mais em Arcos de Valdevez, Distrito do Minho. Filho de um enfermeiro militar que mudava muito e, assim, os filhos foram nascendo em várias localidades do país. Mais tarde a família foi para a cidade do Porto, onde Fernando se formou engenheiro químico.

Em 1976 veio ao Brasil para trabalhar em uma empresa produtora de artigos de prata, a Christofle. Atuou em várias outras empresas até que veio a São Carlos em 1987 para trabalhar na Clímax. Aqui também esteve na SICOM.

Desde então vive em São Carlos com a família, está aposentado, os filhos estão em outras áreas de trabalho, a esposa Maria Teresa resolveu retornar aos estudos e hoje é advogada, exercendo a profissão há mais de quinze anos.

2. O contato com os parentes e com a cultura portuguesa

Fernando Vasconcelos retornou muitas vezes a Portugal a passeio, já levou a família para conhecer a “terrinha” mas, ao que parece, pretende ficar no Brasil definitivamente. Nem por isso deixa de saborear os pratos portugueses nem de ouvir a música e ler a literatura de lá. Está sempre em contato com os parentes lusitanos, agora com a internet isso ficou mais fácil, já pode falar e ver as novas gerações que vão surgindo e fazendo a família crescer. As trocas de fotos são frequentes. Vários parentes também já vieram para cá, e assim os laços se mantêm e se fortalecem.

Manuel Simões Pires – De Travessô, Aveiro, para São Carlos

1. No ramo da hotelaria



Manuel Simões Pires, hoje presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Categoria Hoteleira, é português de Travesso, Distrito de Aveiro, região central que também abrange uma parte litorânea de Portugal. Descendente de família agricultora, ele veio para o Brasil em 1959, e assim evitou ser convocado para servir o exército nas colônias portuguesas em Angola e Moçambique, as quais estavam em guerra pela sua libertação.

Já aqui, começou a trabalhar na área hoteleira, onde desempenhou as mais diversas atividades e se tornou um profissional experiente e dedicado. Depois de viver em Porto Alegre e São Paulo, Manuel chegou a São Carlos em 1974 e trabalhou na lanchonete do SENAC que, depois com muito tempo, se transformou em restaurante-escola. Essa experiência lhe foi muito rica e o ligou ainda mais à cidade de São Carlos.

Vivendo em São Carlos há quase quarenta anos, seu filho mais novo é são-carlense, já tem raízes na cidade, pois aqui realizou boa parte de sua vida.

2. A colônia portuguesa

O contato com a colônia portuguesa no Brasil se deu nos tempos em que vivera em Porto Alegre. Em São Carlos foi na época do restaurante-escola

do SENAC, quando o senhor Manuel Simões mais a dona Carminda e seu marido Oscar Ferreira organizavam encontros festivos da comunidade lusa para a pândega das bacalhoadas e sardinhas, a noite portuguesa.

3. O Sindicato dos Trabalhadores da Categoria Hoteleira

A longa experiência no ramo da hotelaria deu a Manuel Simões os requisitos necessários para a atuação de liderança que hoje desempenha no Sindicato da Categoria Hoteleira. Em São Carlos, a sua atuação no SENAC na organização do restaurante-escola e no seu exitoso desenvolvimento chegando a formar mais de 200 alunos por ano. A comida e o atendimento desse restaurante eram conhecidos dos são-carlenses e visitantes que o freqüentavam.

Esse currículo o levou a uma atuação, juntamente a diretoria atual, que hoje no Sindicato da Categoria Hoteleira culminou em uma escola que promove cursos e forma profissionais de alta categoria nesse ramo do setor de serviços. E agora para 2010, o Sindicato está organizando novos cursos e outras novidades que promoverão a cidade de São Carlos.

CRÉDITOS E FICHA TÉCNICA

Realização Prefeitura Municipal de São Carlos Fundação Pró-Memória de São Carlos	Textos Júlio Roberto Osio Leila Maria Massarão
Coordenação Leila Maria Massarão	Revisão de textos Ana Paula Neves Vasconcelos
Pesquisa Júlio Roberto Osio Leila Maria Massarão	Auxiliar de Pesquisa Camila S. de Oliveira Domenica Cristina Mendes João Paulo da Silva Renato Aldrighi
Apoio de pesquisa Marco Antonio Leite Brandão	
Pesquisa Iconográfica Ana Paula Neves Vasconcelos Júlio Roberto Osio Leila Maria Massarão	

AGRADECIMENTOS

Aos funcionários do Arquivo Público e Histórico da Cidade e das diretorias Administrativa e Financeira da Fundação Pró-Memória pelo suporte dado para a realização desta exposição E os mais sinceros agradecimentos às famílias portuguesas que colaboraram na elaboração desta exposição. Elas são o conteúdo dessa história, e sem elas a nossa cidade não seria a mesma e nem seria possível este trabalho.